

Paul Duguid *

Tudo em detalhes: instantâneos sobre o comércio de vinho do Porto em 1777 e 1786**

Salvo honrosas excepções, os estudos sobre o comércio do vinho do Porto passam geralmente pelo século XVIII com amplas generalizações sobre «os ingleses», ou «a Companhia», ou simplesmente «o comércio»¹. Esta perspectiva não deriva da falta de fontes de informação. Por exemplo, os registos da Alfândega do Porto arquivados na Torre do Tombo oferecem aos historiadores do vinho do Porto – e aos que investigam o comércio em geral – a oportunidade de confrontar qualquer daquelas generalizações, com dados fidedignos e detalhados sobre as exportações². Infelizmente, como tantas vezes sucede na história do comércio, o abandono das generalizações tende a fazer o historiador mergulhar num profundo emaranhado de pormenores. Nós próprios escrevemos este artigo do fundo de

■ Univ. da Califórnia (Berkeley).

** Tradução de Margarida Carmo; revisão Paula Montes Leal. A investigação de base deste trabalho, foi generosamente patrocinada pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e pelo National Endowment for the Humanities. Estamos particularmente gratos a Norman Bennett, Teresa da Silva Lopes, Paula Montes Leal, e Margarida Carmo e aos nossos colegas do Berkeley Port Project, Jean Leave e Shawn Parkhurst, pela ajuda na preparação deste artigo. Devemos igualmente referir a generosidade de várias firmas que permitiram o acesso aos seus arquivos: à A. A. Ferreira, SA, pelo acesso aos registos de Hunt Newman e Offley, Campion e Hesketh, e à Casa Sandeman pelo acesso aos registos da Sandeman. Na Torre do Tombo, fomos gentilmente ajudados pela Dr.ª Maria de Lurdes Henriques.

1 Estas excepções devem incluir trabalhos recentes de António Barros Cardoso, Norman Bennett, Conceição Andrade Martins, Gaspar Martins Pereira e Francisco Ribeiro da Silva, que ajudaram a emancipar este período da história do vinho do Porto em anos recentes.

2 Os livros aqui usados procedem da «Mesa do Consulado e Fragatas» da Alfândega do Porto, arquivados na Torre do Tombo. Para este artigo, utilizei essencialmente dois volumes em particular: 277 Mf. 2502 (1777, *Sahidas*) e 444 Mf. 2494 (1786, *Sahidas*). Os ingleses protestavam pelo pagamento de emolumentos para as Fragatas, argumentando que estas se destinavam à protecção do comércio com o Brasil, no qual tinham pouco interesse. Ver Public Record Office (Kew) [PRO]: BT 6 63, fo 94.

um desses emaranhados, na esperança de, no mínimo, alguns dos dados empíricos «escavados» fornecerem alicerces para melhores generalizações no futuro.

Os registos existentes são extraordinariamente detalhados, listando por ano todas as remessas embarcadas a partir do Porto, incluindo (geralmente) o nome do exportador, uma lista discriminada dos produtos exportados, o navio e o destino. Assim, para cada ano, é possível descobrir quem exportou o quê e para onde. No seu conjunto, estes registos prometem mostrar o desenvolvimento do comércio e o peso relativo dos diferentes exportadores (individualmente e por país), assim como a emergência de novos mercados para o vinho do Porto. No entanto, será necessário muito trabalho para construir uma panorâmica geral a partir destes pormenores. Por isso, tentámos captar «instantâneos» deste comércio, com intervalos de cerca de dez anos. Neste artigo, começamos com os registos para 1777, o ano da queda de Pombal e de algum relaxamento do apertado controlo que a *Companhia* exercia sobre o comércio³. Depois, voltámo-nos para os dados de 1786, tentando proceder a uma comparação ao longo da década. Em artigos futuros, esperamos examinar o comércio em intervalos semelhantes, até à dissolução da *Companhia*, em 1834⁴. No geral, procuraremos apresentar os dados e permitir que os leitores tirem as suas próprias conclusões. No entanto, quando tivermos completado a série, tencionamos fornecer uma revisão sinóptica da informação.

1777

Para o comércio do vinho do Porto o acontecimento mais importante de 1777 foi, sem dúvida, a morte do rei D. José, em Fevereiro, e, com a ascensão de D. Maria, a queda do Marquês de Pombal, eterno padrinho da *Companhia*. Sem a protecção de Pombal, a *Companhia* foi submetida a um intenso exame, o seu procurador inicial – Frei João de Mansilha – foi exilado, e alguns dos seus privilégios foram restringidos. Em particular, em Agosto, a *Companhia* perdeu o exclusivo que detinha sobre o comércio do vinho com o Brasil e, como adiante veremos, em Novembro, alguns exportadores portugueses independentes começam timi-

³ Daqui para a frente, referiremos a «Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro» como a *Companhia*. As listas de exportação deste período referem-se-lhe, geralmente, como «Provedor e Deputados da Companhia Geral do Alto Douro»; à sua Junta ainda não tinha sido concedido o título de *excelentíssima*, com o qual é usualmente referida em listas de exportação mais tardias.

⁴ As Mesas existem para anos anteriores a 1777, mas apresentam as suas informações de forma diferente, sendo ligeiramente mais difíceis de interpretar (ver nota 42). Esperamos analisar os dados referentes a 1766 depois de terminar os de anos mais recentes.

damente a embarcar vinho para o Rio, Pernambuco e Baía. Os ingleses⁵ perceberam que qualquer mudança na *Companhia* só podia ser benéfica para o seu comércio e aplaudiram a nomeação do novo provedor⁶. Como consequência directa da queda de Pombal ou não, a economia portuguesa, em geral, e o comércio do vinho do Porto, em particular, entram num período de crescimento. Pelo contrário, o seu principal mercado, as Ilhas Britânicas, entra num período de dificuldades económicas, à medida que a revolução americana desregula o comércio marítimo e sufoca a actividade económica interna.

Quadro 1: 1777 – Destino das exportações de vinho e aguardente por países, incluindo o número de despachos e de pipas e a percentagem de vinho (por volume) enviado para cada destino

| Destino | Número de despachos | Pipas ⁷ | % |
|-------------------------------------|---------------------|--------------------|------|
| Vinho | | | |
| Grã-Bretanha e Irlanda | 1.698 | 25.876,67 | 85,7 |
| Ilhas (Gibraltar, Jersey, Guernsey) | 43 | 634,25 | 2,1 |
| América do Norte | 27 | 239,75 | 0,8 |
| Europa | 24 | 102,95 | 0,3 |
| «Brisis» | 79 | 3.241,45 | 10,7 |
| África | 3 | 72,00 | 0,2 |
| Embarcações | 3 | 11,25 | 0,0 |
| Não registado ou indecifrável | 3 | 12,50 | 0,0 |
| | 1.880 | 30.190,82 | |
| Aguardente | | | |
| Grã-Bretanha | 10 | 282,65 | |
| Europa | 4 | 33,00 | |
| «Brisis» | 6 | 170,00 | |
| | 20 | 485,65 | |
| Total de pipas exportadas | | 30.676,47 | |

⁵ Tradicionalmente os comerciantes oriundos da Grã-Bretanha eram conhecidos como «os ingleses»; não obstante, muitos eram oriundos da Escócia e da Irlanda.

⁶ Os ingleses ficaram muito menos entusiasmados com o aparecimento de Nicolau Kopke, «uma pessoa de sentimentos hostis bem conhecidos» em relação aos comerciantes britânicos, enquanto *vice-provedor*. Queixavam-se que ele era «totalmente desconhecedor do comércio do vinho», uma queixa que os dados referentes às exportações parecem consubstanciar, uma vez que o seu nome raramente aparece como exportador de vinho. Ver «An account of the present state of the wine trade» (Porto, Junho 1777), PRO, BT 6 63, fo 121 ff.

⁷ Desde o reinado de Henrique VI que uma pipa para importação para a Grã-Bretanha continha 126 galões imperiais ou 550 litros. Esta medida foi confirmada por vários estatutos ingleses, sendo o

Para 1777, a *Mesa do Consulado e Fragatas* apresenta um volume total de 30.676,5 pipas de vinho e aguardente exportadas a partir da barra do Porto⁸. Como mostra o Quadro 1, dessas pipas, 485,65 eram de aguardente e as restantes de vinho⁹. É sempre difícil conciliar as informações dadas por diversas fontes. No entanto, neste caso, se as 3.133,5 pipas expedidas para as possessões portuguesas juntamente com a aguardente, forem subtraídas do total, a soma final de 26.877,3 pipas aproxima-se muito do valor de 26.870 dado por J. J. Forrester e registado na *Memória do Vinho do Porto* de Conceição Andrade Martins (daqui para a frente, *Memória*)¹⁰. Este total foi exportado em 1.880 despachos individuais, registados ao longo de 640 páginas da *Mesa*¹¹. A maior encomenda consistiu em 120 pipas de vinho (enviadas pela *Companhia* para Londres). A mais pequena era composta por 3 almudes. Como indica o Quadro 1, a maior parte do vinho (quase 86% ou 25.877,67 pipas) foi exportado para Inglaterra e Irlanda, acrescentando as restantes possessões britânicas mais 2%¹². Comparativamente, as exportações para a Europa são insignificantes, assim como o são as quantida-

mais recente de 1707 (ver 7 Anne c. 7 . s 29. – Estou grato ao David Hancock por esta referência). A pipa do Douro foi fixada em 21 almudes (ver o Alvará de 20 de Dezembro de 1773, Livro III, fol. 36 de *Registo da Companhia Geral*). Não obstante, os registos ingleses sugerem que o vinho era frequentemente embarcado em pipas de maior capacidade. Os livros de Newcastle (PRO E190 285/6), por exemplo, mostram pipas de 131 galões a chegar do Porto. Ver a nota 9.

8 Os livros da Alfândega não registam o preço do vinho exportado, pelo que todas as comparações feitas neste artigo se baseiam no volume, embora acrescentemos alguns comentários sobre o preço em notas posteriores.

9 O vinho era exportado em pipa, meia-pipa (barril), um terço de pipa, e em almudes. (Contudo, desde 1728 que nenhum vinho podia entrar em Inglaterra em contentores com uma capacidade menor que 63 galões ou meia pipa. A mesma lei foi aplicada na Irlanda a partir de 1786 – ver 26 Geo III c. 34 s. 46.) No entanto, a quantidade de vinho por pipa varia. Algumas têm vinte almudes, fazendo com que um quarto de pipa seja cinco almudes; algumas têm 21 almudes, fazendo com que um terço de pipa sejam sete almudes.

Estas variações contribuem, em parte, para os estranhos valores decimais dos dados apresentados. Nesta época, a aguardente dividia-se em três qualidades: de *escada*, *redonda* e de *terceira prova* (Estamos gratos ao professor Norman Bennett por esta clarificação). Quase toda a aguardente que consta nas listas de exportação é marcada como «de prova redonda», sendo exportada a 40 mil réis a pipa e taxada a 2,4 mil réis. Uma pequena porção exportada era de qualidade inferior («de terceira prova»). O seu preço não é registado, mas era taxada com o mesmo valor. Excepto duas parcelas exportadas para Hamburgo, uma enviada por Pedro Setaro (dez pipas) e outra por Daniel Bull (onze pipas), toda a aguardente listada era exportada pela *Companhia*, e quase toda para o Brasil. Enquanto que, aparentemente, exportava aguardente *redonda* a 40 mil réis, a *Companhia* vendia aguardente de *escada* aos exportadores e agricultores, que necessitavam dela para fortificar o seu vinho, a 90 mil réis. (Ver PRO, BT 6 63, fo 126.)

10 MARTINS, Conceição Andrade – *Memória do Vinho do Porto*. Lisboa, 1990. Quadro 66. A *Memória* regista um valor alternativo de 34.317, que não conseguimos conciliar com os registos da Alfândega.

11 Neste período, todas as exportações são registadas conjuntamente. Em anos posteriores, as exportações para o Brasil são listadas separadamente.

12 Incluímos as treze colónias que vieram a constituir os Estados Unidos entre as colónias britânicas, em 1777.

des embarcadas nos navios para consumo dos comandantes e tripulação. Às possessões portuguesas (Angola e capitânias do Brasil) diz respeito a única outra porção significativa, com pouco menos de 11%¹³. O vinho exportado para o Brasil era quase exclusivamente vinho de ramo, sendo o seu preço de 6\$400 réis/pipa e com uma taxa *ad valorem* de 6%¹⁴. Por contraste, não havia um preço estabelecido para o vinho de feitoria exportado para a Grã-Bretanha e para a Europa do Norte. Este era taxado para efeitos de Consulado e Fragatas com um valor fixo de 1\$980 réis/pipa¹⁵.

O Quadro 2 mostra os portos para onde o vinho era despachado, ajudando-nos a compreender o mercado do vinho do Porto. Claramente, da mesma forma que a Grã-Bretanha e a Irlanda dominam sobre todos os países, a Inglaterra domina sobre a Grã-Bretanha e a Irlanda, acolhendo cerca de 82% do vinho, e, embora nesta altura as taxas de importação para Londres fossem superiores, Londres domina a Inglaterra¹⁶. Os «outports» (isto é, os outros portos que não Londres) são dominados por Bristol, no Oeste de Inglaterra, Lym e Southampton no Sul (com uma porção significativa a ser enviada para Exeter, onde Topsham era o porto principal), Yarmouth, na costa Este, e Liverpool e Hull no Noroeste e Nordeste, respectivamente¹⁷.

¹³ O valor apresentado na *Memória* de Conceição Andrade Martins é proveniente dos dados da *Balança Geral do Comércio* (BGC). De acordo com a *Memória*, a *Balança Geral do Comércio* também regista o valor de 3.303 referente às exportações para o Brasil. Este valor não condiz com o que apurámos, mas pode reflectir a soma de 3.241 pipas exportadas para o Brasil com 72 para Angola, o que dá um total de 3.313 pipas destinadas às colónias portuguesas. Uma diferença de 10 pipas, em 3.300, não é importante, particularmente se resulta de dados provenientes de diferentes fontes.

¹⁴ Para uma visão importante sobre o comércio com o Brasil no século XVIII, ver SILVA, Francisco Ribeiro da; CARDOSO, António M. de Barros – *O comércio do Douro com o Brasil ao longo do Século XVIII*. «DOURO – Estudos & Documentos». Vol. 1, n.º 1 (1996), p. 27-51.

¹⁵ O preço do vinho de feitoria à porta dos produtores era fixo. A *Companhia* estabeleceu o preço do vinho de feitoria de 1775 (que deverá ter constituído a maioria das exportações de 1777) em 30 e 36 mil réis, para venda no Douro aos exportadores (PRO BT 6 63, fo 103). Contudo, o preço na exportação não era definido, flutuando em função da idade e do estilo do vinho. Não temos um preço médio de exportação para 1777 (A *Memória* inicia as séries de preços em 1796 – Quadro 36). Um relatório do Cônsul britânico no Porto refere, para 1773, o valor de 54 mil réis a pipa de vinho para exportação (PRO BT 6 61, fo 6). Cartas existentes na Coleção de Hunt Newman referem que, em 1777, os preços da *Companhia* oscilam entre 60 a 62 mil réis para vinho «vintage '75», um pouco menos para vinho de «stock comum», e 56 mil réis para vinho branco. Em Agosto, a *Companhia* avaliou o conjunto dos seus stocks em mais de 50 mil réis a pipa. (Livro de Correspondência de Hunt Newman: Thomas Newman para William Young, 6 de Março de 1777; o vinho de Hunt Newman figura na contabilidade de 1777).

¹⁶ BALDWIN, Samuel – *A survey of the British Customs* (Londres: for J. Nourse, 1770) lista um «London duty» (um valor adicional pago nas importações de vinho para Londres) de £4-1s por tonel (ou £2-0-6d por pipa).

¹⁷ O total de vinho importado por Liverpool é surpreendentemente pequeno (os naturais de Liverpool

Quadro 2: 1777 – Destino das exportações de vinho por porto¹⁸

| Destino | Total (pipas) | Subtotais por país/região | % do país/região |
|---------------------------|---------------|---------------------------|------------------|
| Bristol | 2.084,25 | | 8,05 |
| Chester | 135,75 | | 0,52 |
| Colchester | 204,00 | | 0,79 |
| Dover | 27,50 | | 0,11 |
| Exeter | 160,50 | | 0,62 |
| Falmouth | 168,50 | | 0,65 |
| Hull | 1.480,25 | | 5,72 |
| Ipswich | 57,50 | | 0,22 |
| Lancaster | 96,00 | | 0,37 |
| Liverpool | 939,50 | | 3,63 |
| Lym | 1.738,25 | | 6,72 |
| Maldon | 120,50 | | 0,47 |
| Newhaven | 11,00 | | 0,04 |
| Newcastle | 592,65 | | 2,29 |
| Norwich | 1,00 | | 0,00 |
| Plymouth | 297,75 | | 1,15 |
| Pool | 66,25 | | 0,26 |
| Portsmouth | 154,00 | | 0,60 |
| Richmond | 1,00 | | 0,00 |
| Rochester | 45,25 | | 0,17 |
| Southampton | 1.109,33 | | 4,29 |
| Stockton | 22,00 | | 0,09 |
| Topsham | 585,96 | | 2,26 |
| Weymouth | 10,00 | | 0,04 |
| Whitehaven | 25,00 | | 0,10 |
| Yarmouth | 1.272,25 | | 4,92 |
| Londres | 9.913,85 | | 38,31 |
| Inglaterra | | 21.319,79 | 82,39 |
| Chepstow | 158,50 | | 0,61 |
| Gales¹⁹ | | 158,50 | 0,61 |
| Cork | 181,75 | | 0,70 |
| Dublin | 2.055,28 | | 7,94 |
| Londonderry [?] | 48,25 | | 0,19 |

¹⁸ Quando as entradas na Mesa são registadas por país em vez de por porto, tentámos localizar a cidade, olhando para outros despachos feitos na mesma embarcação. Com a Escócia, onde a maior parte do vinho ia ou para Leith (para Edimburgo), na costa Este, ou para Glasgow (ou Greenock), na costa Oeste, distribuámos os vinhos dirigidos a Este e Oeste por essas duas cidades.

¹⁹ Uma vez que os despachos para Gales são tão pequenos, optámos por incluir, excepto neste quadro e na 7, os totais de Gales nos totais de Inglaterra, pelo que esperamos que os galeses nos perdoem. Em 1777, Campion é responsável por todos os despachos para Chepstow. Em 1786, esses despachos são partilhados por Lambert Kingston e Croft.

Tudo em detalhes: instantâneos sobre o comércio de vinho do Porto

Quadro 2: (continuação)

| Destino | Total (pipas) | Subtotais por país/região | % do país/região |
|-------------------------------|---------------|---------------------------|------------------|
| Sligo | 19,25 | | 0,07 |
| Waterford | 63,00 | | 0,24 |
| Irlanda (não especificado) | 0,75 | | 0,00 |
| Irlanda | | 2.368,28 | 9,15 |
| Aberdeen | 207,00 | | 0,80 |
| Leith | 734,00 | | 2,84 |
| Glasgow | 853,75 | | 3,30 |
| Greenock | 23,00 | | 0,09 |
| Escócia (não especificado) | 212,35 | | 0,82 |
| Escócia | | 2.030,10 | 7,85 |
| GRÃ BRETANHA E IRLANDA | | 25.876,67 | 100,00 |
| Gibraltar | 39,50 | | 6,23 |
| Guernsey | 589,25 | | 92,91 |
| Jersey | 5,50 | | 0,87 |
| ILHAS | | 634,25 | 100,00 |
| Nova Iorque | 134,75 | | 56,20 |
| América (não especificado) | 100,00 | | 41,71 |
| Terra Nova | 5,00 | | 2,09 |
| AMÉRICA DO NORTE | | 239,75 | 100,00 |
| Amesterdão | 8,93 | | 8,67 |
| Copenhaga | 13,75 | | 13,36 |
| Génova | 1,00 | | 0,97 |
| Hamburgo | 78,02 | | 75,78 |
| St Valeri | 1,25 | | 1,22 |
| EUROPA | | 102,95 | 100,00 |
| Luanda | 72,00 | | 100 |
| ÁFRICA | | 72,00 | 100,00 |
| Baía | 200,25 | | 6,18 |
| Pernambuco | 289,70 | | 8,94 |
| Rio | 2.751,50 | | 84,88 |
| BRASIL | | 3.241,45 | 100,00 |
| Embarcações ²⁰ | | 11,25 | |
| Desconhecido | | 12,50 | |
| Total | | 30.190,82 | |

²⁰ As «Embarcações» reflectem o vinho colocado a bordo dos navios, presumivelmente para consumo do capitão ou da tripulação.

Da mesma forma que Londres domina a Inglaterra, também Dublin, a capital, domina a Irlanda, enquanto que a Escócia divide a maioria das suas importações entre Glasgow (onde Greenock era o porto principal) e Edimburgo (servido por Leith)²¹. Guernsey domina as Ilhas, embora, uma vez que as Ilhas do Canal gozavam de taxas de importação mais baixas que a Grã-Bretanha, seja provável que o vinho exportado para Guernsey fosse seguidamente contrabandeado para Inglaterra. O vinho de Gibraltar era provavelmente destinado à guarnição aí existente, assim como o seria a maioria do exportado para a América do Norte, com as tropas britânicas estacionadas em Nova Iorque durante toda a Guerra Civil. Convencionalmente, o vinho exportado para a América do Norte era enviado para Boston, Filadélfia e Nova Iorque, mas, como Boston estava nas mãos do Exército Continental e como os ingleses só tomaram Filadélfia em Setembro de 1777, é provável que as cargas «não especificadas» se destinassem principalmente a Nova Iorque²². Na Europa, apenas Hamburgo recebe uma quantidade apreciável de vinho. Em África, todo o vinho segue para Luanda, enquanto que no Brasil a maioria das pipas vai para o Rio.

Os Quadros 3 e 4 organizam os exportadores em grupos nacionais²³. Muitas das distinções aqui reflectidas são feitas com base nos nomes dos exportadores, uma abordagem que, apesar de inevitável, é altamente suspeita. Os funcionários da Alfândega, confrontados com os bárbaros nomes anglo-saxónicos (e, muito possivelmente, com os próprios bárbaros em pessoa), tendem a torná-los melifua-mente portugueses. Além disso, condensam todos os nomes com as suas próprias abreviaturas. Desdobrar estas abreviaturas e, seguidamente, «traduzi-las» para os

não são conhecidos por serem abstémios), podendo reflectir uma passagem de vinho significativa de Dublin, através do mar da Irlanda. É notável que o consumo de Liverpool aumenta por volta de 1786, quando a Irlanda deixa de ser um destino popular para o vinho.

²¹ O consumo da Escócia é notável, considerando que a sua população dificilmente ultrapassa metade da da Irlanda.

²² A tradição considera que muito do vinho exportado para a América do Norte, como o vinho para Guernsey, eventualmente vinha para a Grã-Bretanha, servindo esta passagem extra para evitar o pagamento de impostos. Isto pode ter sido verdade para outras épocas, mas é pouco provável para este período. Durante a Guerra de 1776-1783, navios mercantes eram continuamente interceptados por corsários americanos, entre a costa americana e os Açores (Eles também perseguiram as frotas que pescavam na costa de Newfoundland, onde várias firmas de vinho do Porto desenvolviam importantes operações). Em Setembro de 1777, um desses corsários chegou a ser avistado fora da barra do Porto. Além do mais, a correspondência de Hunt Newman refere a existência de dois navios «que vieram de Nova Iorque buscar vinhos para a Marinha e o Exército» (Livro de correspondência de Hunt Newman: Thomas Newman para Archer, Robinson & Amsink, Agosto, 1777 [dia ilegível]). Os registos da Alfândega mostram três navios a carregar para Nova Iorque, em Agosto: o *Molly*, o *Delfim*, e o *Contento* (estes dois últimos nomes são provavelmente traduções portuguesas dos nomes originais ingleses).

²³ Usamos geralmente a grafia convencional para firmas britânicas conhecidas e seguimos as listas do cônsul para as menos convencionais. Os nomes portugueses foram actualizados.

Quadro 3: 1777 – Exportadores de vinho por nacionalidade, com o número de despachos, volume despachado e percentagem do total das exportações (por volume)

| | Número de exportadores | Número de despachos | Pipas | % do total das exportações |
|---|---------------------------|------------------------|------------------|-------------------------------|
| <i>Companhia</i> | 1 | 193 | 6.373,5 | 21,11 |
| Portugueses independentes exportando apenas para as colónias | 14 | 16 | 83,2 | |
| Portugueses independentes exportando para outros destinos | 10 | 28 | 321,05 | |
| Todos os portugueses | 24 | 237 | 6.777,75 | 22,45 |
| Outras nacionalidades | 7 | 30 | 192,75 | 0,64 |
| Britânicos | 42 | 1.613 | 23.220,32 | 76,91 |
| Total | 74 | 1.880 | 30.190,82 | |

nomes ingleses correctos, ao mesmo tempo que os procuramos entre os nomes portugueses e europeus da lista, é uma ocupação perigosa²⁴. Felizmente, o cônsul britânico no Porto forneceu listas de comerciantes ingleses para alguns anos, de 1769 a 1783²⁵. Também recorremos ao *Registo de Privilégios* que indica, geralmente, a nacionalidade dos comerciantes estrangeiros a quem eram concedidos privilégios²⁶. Contudo, muitos nomes foram relacionados com uma nacionalidade tendo por base pouco mais que uma suposição.

O Quadro 3 revela o domínio esmagador dos ingleses neste período, controlando quase 77% do total das exportações dos vinhos do Douro. Os exportadores ingleses desta época (e os historiadores britânicos desde então) queixavam-se muitas vezes que a *Companhia* restringia a participação britânica no comércio. Com mais de três quartos do comércio do vinho do Douro em mãos britânicas, é difícil achar que o controlo sobre eles exercido era injusto. Com efeito, sem a *Companhia* (responsável por 21% das exportações), o domínio britânico seria pra-

²⁴ Para quem conhecer os exportadores deste período, não é difícil reconhecer Guilherme Campião, Tompeção Croffette, Tomas Doção, ou Tonção Vítnel. O nome Francesco Hião apresenta um desafio maior.

²⁵ PRO BT 6 63 fo 98. O nome mais confuso nessas listas é o de Francesco Arsediago (ou Arcediago), que não tem nenhum equivalente inglês óbvio, nada de similar aparecendo nas listas do Cônsul. No entanto, a combinação do seu volume de exportações e do seu padrão de exportação (90% das suas exportações são para Inglaterra), fazem-no diferente de todos menos dos ingleses (ou da *Companhia*). Enquanto que ele era evidentemente um dos maiores exportadores em 1777, um olhar superficial para 1764 e para 1784, não revela este nome. É tentador associar o seu nome ao de James Archer, mas este, embora não exporte vinho em 1777, surge nas listas de exportação, como era esperado, como Diogo Archer. Na falta de indicações mais claras, foi colocado entre os britânicos, embora esta seja meramente a escolha menos insatisfatória.

²⁶ Os registos encontram-se entre os documentos do Governo Civil do Porto, no Arquivo Distrital.

Quadro 4: 1786 – Percentagem (por volume) de vinho exportado por cada grupo nacional²⁷

| | Portugueses | Outros | Britânicos |
|-------------------------------|--------------|--------------|--------------|
| Londres | 27,49 | 40,47 | 34,34 |
| Outports | 17,99 | 47,73 | 44,07 |
| Inglaterra | 45,48 | 88,20 | 78,41 |
| Irlanda | 1,00 | 0,00 | 9,99 |
| Escócia | 3,37 | 2,08 | 7,74 |
| GRÃ-BRETANHA E IRLANDA | 49,85 | 90,27 | 96,14 |
| Ilhas | 0,15 | 0,39 | 2,69 |
| América do Norte | 0,00 | 0,00 | 1,03 |
| Europa | 0,97 | 7,78 | 0,10 |
| África | 1,06 | 0,00 | 0,00 |
| «Brasis» | 47,82 | 0,00 | 0,00 |
| Embarcações | 0,00 | 1,04 | 0,04 |
| Total | 99,85 | 99,48 | 99,99 |

ticamente total e a cota portuguesa no mercado de exportação insignificante²⁸. Como veremos, parece razoável afirmar que os exportadores portugueses sofreram mais que os britânicos nas mãos da *Companhia*.

O Quadro 4 mostra como os três grupos distintos – portugueses, outras nacionalidades e ingleses – distribuíam as suas exportações pelos diferentes destinos analisados no Quadro 1. Os portugueses dividiam os seus fretes principalmente entre a Grã-Bretanha e o Brasil. Inevitavelmente, a *Companhia* distorce os valores dos exportadores portugueses enquanto grupo, dominando de tal forma esta parte do negócio que a distribuição para todos os portugueses é muito próxima da distribuição exclusiva para a *Companhia*. Por exemplo, em Novembro e Dezembro de 1777, depois da abertura do mercado brasileiro, doze comerciantes portugueses despacham quatorze encomendas do vinho para o Brasil – dez para Pernambuco, três para o Rio e uma para a Baía. No entanto, o maior exportador,

²⁷ Em cada categoria nacional há pequenas parcelas cujos destinos não conseguimos identificar. Consequentemente, as colunas neste quadro não somam exactamente 100 por cento.

²⁸ Consequentemente, muitos portugueses argumentam que, apesar de todos os defeitos, era essencial manter a *Companhia*. Ver, por exemplo, PEREIRA, Gaspar Martins – *O Vinho do Porto, o Alto Douro e a Companhia na Época Pombalina (1756-1777)*, segundo Bernardo José de Sousa Guerra. «Estudos Transmontanos». N.º 2 (1984), p. 81-118; e [CORRESPONDENTES DA COMPANHIA GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO] – *Relação dos Factos Praticados pela Comissão dos Comerciantes de Vinhos, em Londres, Correspondentes da Companhia Geral da: Em consequência da Petição apresentada á Camara dos Communs em 12 de Julho ... por certas pessoas, que se intitulão Membros da Extincta Feitoria*. Lisboa: Impressão Régia, 1813.

Manuel Silva Machado, expediu apenas quatro pipas, sendo o total de 11,45 pipas. Conseqüentemente, para esse ano, a *Companhia*, com 3.230 pipas, é responsável por praticamente todos os envios de vinho para o Brasil, à exceção de uma parcela insignificante do vinho.

A *Companhia* era ainda responsável por todo o vinho português que saía para África, Escócia e Ilhas, embora no mercado irlandês tenha enfrentado a grande concorrência de dois portugueses²⁹. Os dados mostram também que, com valores significativos, os exportadores portugueses independentes que enviavam vinho para a Grã-Bretanha, evitavam os *outports*, mandando a maior parte do seu vinho para Londres, apesar do «London Duty». H. E. F. Fisher, escrevendo sobre o período de 1700-1770, refere que as importações de vinho feitas por estrangeiros pagavam ainda uma taxa de £1-12s por tonel – o «Aliens Duty»³⁰. Contudo, o «Aliens Duty» era tributado ao importador e, como o vinho enviado para a Grã-Bretanha era geralmente consignado a comerciantes britânicos, é possível que os exportadores portugueses tenham conseguido evitar a sua cobrança.

As «outras nacionalidades», que são provavelmente todas europeias, enviavam a maior parte dos seus carregamentos para Inglaterra, mas, logicamente, enquanto grupo, enviavam para a Europa uma quantidade maior que os outros dois grupos nacionais. Inevitavelmente, os ingleses, mais do que qualquer outro grupo, enviam a maior parte do seu vinho para a Grã-Bretanha e Irlanda. Em contrapartida, parecem ter sido os menos interessados nos mercados fora das possessões britânicas – uma tendência que, como veremos, mantiveram mesmo depois da estagnação do mercado britânico, na década seguinte.

Quadro 5: 1777 – Cota de mercado britânico e irlandês por grupo nacional de exportadores

| Grupo nacional | Pipas | % do Total |
|--|------------------|------------|
| Outras nacionalidades | 174,00 | 0,67 |
| <i>Companhia</i> | 3.059,00 | 11,82 |
| Todos os portugueses | 3.376,50 | 13,05 |
| Britânicos | 22.326,17 | 86,28 |
| Total enviado para o mercado britânico e irlandês | 25.876,67 | |

Como já referimos, as contas dos livros da Alfândega não indicam o valor do vinho de feitoria exportado. Não obstante, é seguro assumir que o vinho mais

²⁹ Os dois comerciantes são Joaquim Ferreira Sampayo e Manoel Portugal Calhorda.

³⁰ Ver CROUCH, Henry – *A Complete View of British Customs*. Londres, 1727, p. 6, FISHER, H. E. F. – *The Portugal Trade: A Study of Anglo-Portuguese Commerce 1700-1777*. Londres: Methuen & Co, 1971, p. 79.

valioso seguia para a Grã-Bretanha. Por isso, o controlo deste mercado tinha particular significado. Como mostra o Quadro 5, os exportadores britânicos controlavam efectivamente este mercado, detendo mais de 86% do total. Os portugueses detinham a maior parte do restante, com a *Companhia* controlando 12%, enquanto sete exportadores portugueses privados lutavam por pouco mais de 1%. Três europeus disputavam os restantes dois terços de 1%³¹.

No total, os registos da Alfândega para 1777 revelam dois mercados principais, Brasil e Grã-Bretanha, dominados, respectivamente, pela *Companhia* e pelo bloco de comerciantes britânicos. Estes blocos esmagavam os comerciantes privados portugueses e de outras nacionalidades, de forma que não é surpreendente verificar que poucos faziam negócio e que nenhum deles o fazia em grandes quantidades.

1786

Tendo estabelecido um quadro do comércio em 1777, podemos agora compará-lo ao do ano de 1786, uma década após a morte de Pombal. No início dos anos 80, o comércio conheceu dificuldades. 1786 marcou o início de uma longa escalada em direcção ao pico das exportações que caracterizou o final do século. É claro que, naquela altura, o seu carácter auspicioso não era evidente, devendo até ter parecido muito pouco auspicioso. A colheita de 1785 foi grande, mas de fraca qualidade³². Em Inglaterra, como veremos, o mercado estava particularmente fraco. Conflitos derivados da interpretação do Tratado de Methuen ameaçavam fechar os mercados irlandeses ao vinho português³³. Entretanto, um período de paz possibilitou discussões comerciais entre britânicos e franceses, pondo em risco, para todos os mercados, os direitos preferenciais que o tratado de Methuen havia garantido. Em conjunto, estes acontecimentos parecem ter levado os portugueses, e a *Companhia* em particular, a explorar novos mercados.

O Quadro 6 mostra o estado geral do comércio, com um total de 27.288,95 pipas de produtos vínicos exportadas a partir do Porto, no qual se inclui uma

³¹ Os sete portugueses são: António Álvares de Carvalho, António Brandão, Joaquim Ferreira Sampaio, Luís António de Sousa Basto, Luís Correia dos Santos, Manuel Portugal Calhorda, e Pedro Setaro. Os outros são: Daniel Bull, Rodolfo Amsink, e Vanzeller & Dresque.

³² «A produção de 1785 foi muito boa em quantidade... Porém, o mesmo não se poderá dizer no que diz respeito à qualidade». (DAVID, Henrique – *Cor, Corpo e Gosto: O Juízo do Ano na Viragem do Século XVIII para o século XIX*. «DOURO – Estudos & Documentos». N.º 2 (1997), p. 87-93.

³³ Os portugueses tentaram afastar os têxteis irlandeses, defendendo que a Irlanda não fazia parte do Tratado. O parlamento irlandês retaliou, impondo tarifas aos vinhos portugueses. Ver LAMMEY, David – *The Irish-Portuguese Trade Dispute, 1770-90*. «Irish Historical Studies». N.º 25 (1986), p. 29-45.

Quadro 6: 1786 – Destino das exportações de vinho e aguardente por país, incluindo o número de despachos e a percentagem de vinho (por volume) enviado para cada destino

| | Número de despachos | Pipas | % |
|----------------------------------|---------------------|-----------|------|
| Vinho | | | |
| Grã-Bretanha e Irlanda | 1.561 | 20.610,63 | 75,7 |
| Ilhas (Gibraltar, Guernsey) | 38 | 655,35 | 2,4 |
| América do Norte Britânica | 15 | 43,73 | 0,2 |
| Europa | 28 | 129,10 | 0,5 |
| Rússia | 49 | 2.046,25 | 7,5 |
| Estados Unidos | 11 | 494,75 | 1,8 |
| África | 3 | 150,00 | 0,6 |
| «Brasis» | 111 | 3.042,45 | 11,2 |
| Embarcações | 2 | 6,00 | 0,0 |
| Desconhecido | 3 | 56,00 | 0,2 |
| | 1.821 | 27.234,25 | |
| Aguardente | | | |
| Europa | | 5,65 | |
| América do Norte Britânica | | 0,25 | |
| África | | 1,00 | |
| «Brasis» | | 47,80 | |
| | | 54,70 | |
| Total de pipas exportadas | | 27.288,95 | |

pequena quantidade de aguardente (54,7 pipas)³⁴. Se o vinho com destino às colónias portuguesas e aos agora independentes Estados Unidos for excluído, juntamente com a aguardente, resta-nos um total de 23.547,05, suficientemente próximo do valor de 23.555 indicado na *Memória* de Conceição Andrade Martins, para justificar ambos os valores³⁵. Este total foi o resultado da soma de 1821 parcelas, a maior das quais indicava noventa pipas e a menor dois almudes. Tal como em 1777, a maior parte do vinho é exportado para a Grã-Bretanha, com o Brasil a ocupar a segunda maior parcela. O mercado brasileiro, embora ligeiramente mais pequeno em volume do que em 1777, cresceu ligeiramente – de 10,7 para 11,2% – em termos de cota do mercado de vinho exportado. Por contraste, a parcela britânica do total de exportações diminuiu significativamente em ambas as contas (de 86% para 76%, uma queda de mais de 5.000 pipas). Parte destas cotas passou

³⁴ O valor das taxas de exportação para o «consulado e as fragatas» desceu de 1\$980 réis, em 1777, para 1\$650 em 1786.

³⁵ O relatório do cônsul no PRO aponta valores de 20.197,5 pipas para a Grã-Bretanha e 1.142 pipas para a Irlanda, para 1786 (PRO, BT 6 63 fo 14). O primeiro valor aproxima-se das referências da Alfândega para a Inglaterra, Gales, Escócia, Ilhas, América do Norte Britânica, e barcos (20.175,21); o segundo valor consular aponta 1,5 pipas mais do que os valores da Alfândega para esse país.

para os novos mercados da Rússia, que ficou com 7,5%, e para os recentemente independentes Estados Unidos, que ficaram com 1,8%. A África também aumentou o seu consumo, oscilando as suas percentagens entre 0,2% e 0,6%, duplicando o seu volume de 72 para 150 pipas³⁶.

O Quadro 7 mostra novamente os valores de exportação por porto para onde o vinho era enviado. Apesar do seu consumo ter descido cerca de 16% em relação a 1777, a Inglaterra ainda domina a Grã-Bretanha e a Irlanda. O mercado escocês desceu 27%, mas a queda mais abrupta ocorreu na Irlanda, com uma descida de cerca de 53%, em grande parte devido à escalada da guerra comercial. Todos os portos do Sul (com destaque para Lym, Southampton, Topsham, Yarmouth, e Londres) perderam posição, enquanto que os portos do Norte – Hull e Liverpool – mostram uma nítida ascensão. Embora as alterações nos impostos tenham tornado Guernsey menos tentadora para os contrabandistas, as suas importações mantiveram-se estáveis, assim como sucedeu em Gibraltar³⁷. O mercado europeu tem agora em Barcelona o seu principal destino. Na Rússia, a capital, São Petersburgo, acolhe três quartos do vinho expedido para o país, com Arcangel recebendo o restante. O mercado de Nova Iorque, que conhece um crescimento de cerca de 350%, passa a dominar os Estados Unidos. Sente-se um ligeiro declínio no volume despachado para o mercado brasileiro, apesar do porto do Maranhão se ter juntado aos três portos que anteriormente recebiam vinho.

Apesar da queda das exportações e do aparecimento de novos mercados, a diferença mais notável entre 1777 e 1786 é revelada no Quadro 8: a queda dos exportadores por grupo nacional. Embora os ingleses defendessem que, durante o domínio de Pombal, o braço de ferro da *Companhia* havia restringido a sua liberdade, a tolerante *Companhia* posterior à queda de Pombal parece ter libertado não os ingleses, mas os portugueses. O número de exportadores portugueses mais do que duplicou, passando de 24 em 1777, para 57 em 1786, enquanto que a quantidade de vinho exportado por portugueses, sem contar a *Companhia*,

³⁶ O relatório do cônsul para 1786 dá um preço médio na exportação de 62 mil réis. As contas do vinho de Offley, Campion, Hesketh indicam uma média de preço por pipa, nas suas exportações de 1786, de 56\$439 réis. A correspondência de Hunt Newman, em 1786, revela que a empresa exportou «old red» entre os 60 e os 68 mil réis durante esse ano. A *Companhia* estabeleceu o preço do vinho de feitoria ao lavrador, em 1785, entre 30 e 36 mil réis, mas aparentemente comprou quase todo o vinho ao preço mais baixo, aumentando o preço médio para outros exportadores. (Livro de Correspondência de Hunt Newman: Thomas Newman para J. Olive Cutler & Colkett, 5/3/1785). No entanto, as contas de Offley avaliavam o stock, no final de 1786, em 40\$121 réis – quando no ano anterior a firma usara um valor muito maior, de 49\$055. (OCH Ledger, 1785-6).

³⁷ Guernsey pode ter-se transformado num ponto de passagem dos contrabandistas para a Irlanda, quando os comerciantes de vinho decidiram trazer o vinho via França ou Espanha, para evitar a nova tarifa. Uma carta de Thomas Newman dirigida a um cliente irlandês sugere esta alternativa (Livro de correspondência de HN: Thomas Newman para Mitchell & Anderson (Dublin) 2/4/1786).

Tudo em detalhes: instantâneos sobre o comércio de vinho do Porto

Quadro 7: 1786 – Destino das exportações de vinho por porto

| Porto | Total (pipas) | Subtotais por país/região | % da região |
|-------------------------------|---------------|---------------------------|--------------|
| Bristol | 1.677,40 | | 8,14 |
| Colchester | 115,00 | | 0,56 |
| Dartmouth | 35,63 | | 0,17 |
| Dover | 63,50 | | 0,31 |
| Exeter | 99,25 | | 0,48 |
| Exmouth | 11,00 | | 0,05 |
| Falmouth | 71,50 | | 0,35 |
| Hull | 1.703,83 | | 8,27 |
| Ipswich | 26,00 | | 0,13 |
| Lancaster | 109,25 | | 0,53 |
| Liverpool | 1.201,33 | | 5,83 |
| Lym | 1.306,75 | | 6,34 |
| Malden | 57,00 | | 0,28 |
| Newcastle | 514,00 | | 2,49 |
| Newhaven | 128,00 | | 0,62 |
| Penzance | 50,00 | | 0,24 |
| Plymouth | 135,50 | | 0,66 |
| Pool | 100,50 | | 0,49 |
| Portsmouth | 117,50 | | 0,57 |
| Rochester | 90,50 | | 0,44 |
| Shoreham | 24,00 | | 0,12 |
| Southampton | 827,00 | | 4,01 |
| Sunderland | 29,00 | | 0,14 |
| Topsham | 251,35 | | 1,22 |
| Whitehaven | 46,60 | | 0,23 |
| Yarmouth | 701,50 | | 3,40 |
| <i>Outports</i> desconhecidos | 4,25 | | 0,02 |
| Londres | 8.414,75 | | 40,83 |
| Inglaterra desconhecido | 6,00 | | 0,03 |
| Inglaterra | | 17.917,88 | 86,94 |
| Chepstow | 64,00 | | 0,31 |
| Gales | | 64,00 | 0,31 |
| Belfast | 30,50 | | 0,15 |
| Cork | 61,50 | | 0,30 |
| Dublin | 993,75 | | 4,82 |
| Limerick | 18,50 | | 0,09 |
| Sligo | 36,00 | | 0,17 |
| Waterford | 0,25 | | |
| Irlanda | | 1.140,50 | 5,53 |
| Alhoa | 20,00 | | 0,10 |
| Glasgow | 20,50 | | 0,10 |

Quadro 7: (continuação)

| Porto | Total (pipas) | Subtotais por país/região | % da região |
|-----------------------------------|---------------|---------------------------|---------------|
| Greenock | 302,00 | | 1,47 |
| Inverness | 58,00 | | 0,28 |
| Leith | 841,25 | | 4,08 |
| Escócia | 246,50 | | 1,20 |
| Escócia | | 1.488,25 | 7,22 |
| GRÃ-BRETANHA E IRLANDA | | 20.610,63 | 100,00 |
| Gibraltar | 38,00 | | 5,80 |
| Guernsey | 617,35 | | 94,20 |
| ILHAS | | 655,35 | 100,00 |
| Terra Nova | 43,73 | | 100,00 |
| AMÉRICA DO NORTE BRITÂNICA | | 43,73 | 100,00 |
| Elsinore | 20,00 | | 15,49 |
| Amesterdão | 25,50 | | 19,75 |
| Hamburgo | 28,85 | | 22,35 |
| Nantes | 1,00 | | 0,77 |
| Cherbourg | 3,00 | | 2,32 |
| Génova | 0,75 | | 0,58 |
| Barcelona | 50,00 | | 38,73 |
| EUROPA | | 129,10 | 100,00 |
| Arcangel | 534,00 | | 26,10 |
| São Petersburgo | 1.512,25 | | 73,90 |
| RÚSSIA | | 2.046,25 | 100,00 |
| Boston | 8,75 | | 1,77 |
| Nova Iorque | 485,00 | | 98,03 |
| Filadélfia | 1,00 | | 0,20 |
| ESTADOS UNIDOS | | 494,75 | 100,00 |
| Angola | 150,00 | | 100,00 |
| ÁFRICA | | 150,00 | 100,00 |
| Baía | 385,00 | | 12,654 |
| Maranhão | 139,95 | | 4,600 |
| Pernambuco | 677,75 | | 22,276 |
| Rio | 1.839,75 | | 60,469 |
| BRASIL | | 3.042,45 | 100,00 |
| Navios da Marinha | | 6,00 | 100,00 |
| Illegível | | 56,00 | 100,00 |
| Total | | 27.234,25 | |

Quadro 8: 1786 – Exportadores de vinho agrupados por nacionalidade, com o número de embarques, volume embarcado e percentagem do total das exportações (por volume)

| | Número de exportadores | Número de despachos | Pipas | % do total das exportações |
|--|------------------------|---------------------|-----------------|----------------------------|
| <i>Companhia</i> | 1 | 208 | 6.995,50 | 25,69 |
| Portugueses independentes exportando apenas para as colónias | 36 | 55 | 313,20 | 1,15 |
| Portugueses independentes exportando para outros destinos | 20 | 132 | 1.261,75 | 4,63 |
| Todos os portugueses | 57 | 395 | 8.570,45 | 31,47 |
| Outras nacionalidades | 8 | 51 | 291,35 | 1,07 |
| Britânicos | 23 | 1,373 | 18.366,45 | 67,44 |
| Desconhecido | 1 | 2 | 6,00 | 0,02 |
| Total | 89 | 1,821 | 27.234,2 | |

creceu de 404 para 1.575 pipas. Entretanto, no conjunto, os portugueses aumentaram a sua cota de vinho exportado de 22 para 31% e o seu volume em mais de 1.800 pipas. Aumentaram a sua cota à custa dos ingleses, cuja fatia no total de vinho exportado desce de quase 77%, em 1777, para pouco mais de 67%, uma vez que o seu volume desce quase 5.000 pipas. Entretanto, o número de exportadores britânicos passou quase para metade, de 42 para 23. Por contraste, tal como os portugueses, os exportadores de outros países também aumentaram a sua participação em cerca de 50%, aumentando o volume exportado um pouco mais de 25%.

O quadro 9 mostra como cada grupo nacional respondeu a essa alteração de condições. Em comparação com 1777, os portugueses reduziram a sua dependência face à Grã-Bretanha, enviando apenas um terço das suas exportações para esse país, quando, uma década antes, tinham enviado quase metade. Dos destinos tradicionais, apenas na Irlanda os portugueses conseguiram aumentar a sua cota do mercado. Os dados mostram que a expansão ocorrida neste país não foi dirigida pela *Companhia*, mas sim por exportadores privados. Os portugueses reduziram igualmente a sua dependência em relação às colónias do Brasil, de quase metade para pouco mais de um terço do total das suas exportações. Para compensar, liderados pela *Companhia*, voltaram-se para a Rússia e para os Estados Unidos.

O Quadro 10 mostra como o lucrativo – mas em queda progressiva – mercado inglês e irlandês se encontrava dividido. Com a atenção da *Companhia* voltada para outros mercados, tanto os exportadores de outras nacionalidades como os exportadores privados portugueses conseguiram potenciar a sua participação neste mercado, tendo os últimos aumentado a sua cota de pouco mais de um,

Quadro 9: 1786 – Percentagem (por volume) de vinho exportado para diferentes destinos, por cada grupo nacional

| | Portugueses | Outros | Britânicos |
|-------------------------------|---------------|---------------|---------------|
| Londres | 16,22 | 20,77 | 37,91 |
| <i>Outports</i> | 12,43 | 74,05 | 45,09 |
| Inglaterra | 28,65 | 94,82 | 83,00 |
| Irlanda | 3,00 | 0,00 | 4,81 |
| Escócia | 0,29 | 0,00 | 7,97 |
| GRÃ-BRETANHA E IRLANDA | 31,95 | 94,82 | 95,77 |
| Ilhas | 0,58 | 0,00 | 3,30 |
| América do Norte Britânica | 0,32 | 0,00 | 0,09 |
| Estados Unidos | 5,67 | 0,00 | 0,05 |
| Europa | 0,36 | 5,10 | 0,45 |
| Rússia | 23,87 | 0,09 | 0,00 |
| África | 1,75 | 0,00 | 0,00 |
| Brasil | 35,50 | 0,00 | 0,00 |
| Embarcações | 0,00 | 0,00 | 0,03 |
| Desconhecido | 0,00 | 0,00 | 0,31 |
| Total | 100,00 | 100,00 | 100,00 |

Quadro 10: 1786 – Cota do mercado britânico e irlandês por grupo nacional de exportadores

| Grupo nacional | Pipas | % do Total |
|-----------------------|------------------|------------|
| Outras Nacionalidades | 276,25 | 1,340 |
| <i>Companhia</i> | 1.593,50 | 7,731 |
| Portugueses | 2.738,00 | 13,284 |
| Britânicos | 17.596,38 | 85,375 |
| Total | 20.610,63 | |

para mais de 5%. Inevitavelmente, tiveram de competir com outros compatriotas. Os sete que exportavam para a Grã-Bretanha e Irlanda em 1777, passaram para 17. Os de «outras» nacionalidades, que mais do que duplicaram a sua participação neste mercado, enfrentaram também uma maior competição dentro do seu próprio grupo, uma vez que o seu número também mais do que duplicou, passando de três para sete. Os ingleses comportaram-se de maneira muito diferente. Não só mantinham praticamente a mesma porção de um mercado em diminuição (86% em 1777, 85% em 1786), mas faziam-no, como mostra o Quadro 8, com menos comerciantes. Num mercado em contracção, eles actuavam, evidentemente, «em casa», ignoravam novos mercados e concentravam o negócio em menos mãos.

OS EXPORTADORES

Quadro 11: Exportadores de vinho portugueses, 1777 e 1786,
com o volume de vinho exportado em cada ano

| 38• Nome | Pipas | |
|---|----------|----------|
| | 1777 | 1786 |
| <i>Companhia</i> [Provedor e Deputados] | 6.373,50 | 6,995,50 |
| Joaquim Ferreira Sampaio | 48,00 | 9,50 |
| Manuel Francisco Guimarães | 0,55 | 283,75 |
| I Ana de Sousa | | 0,25 |
| B António Álvares da Cunha e Domingos Francisco Ramos | 1,00 | |
| I António Álvares de Carvalho | 10,00 | |
| I António Brandão | 2,00 | |
| I António da Costa e Abreu | | 0,25 |
| A António da Rocha e Sousa | 2,00 | |
| B António de Freitas | 0,25 | |
| António de Freitas Araújo Ferreira | | 22,00 |
| B António de Sousa Pires | | 0,25 |
| B António Fernandes da Silva | 1,00 | |
| A António José Coelho | 30,00 | |
| B António José Ribeiro | 0,50 | |
| B António José Cardoso | | 40,00 |
| B António José Duarte | | 3,20 |
| B António Pinto Machado | | 3,00 |
| B Bento António do Couto | | 0,50 |
| B Bento Ferreira de Sá | | 0,25 |
| B Bento José Carneiro | 1,00 | |
| B Bento José de Sá Braga | | 0,50 |
| A Bernardo da Rocha e Sousa | 40,00 | |
| B Constantino José de Faria | | 1,25 |
| B Custódio Fernandes Guimarães | | 0,50 |
| B Cipriano Ribeiro Guimarães | | 8,00 |
| B Diogo Gomes Barros | | 1,00 |
| B Domingos do Rosário e Nascimento | | 1,00 |
| B Domingos Martins Gonçalves | | 1,00 |
| B Francisco Marcelino de Sá | | 0,25 |
| B Henrique José de Oliveira | | 1,00 |
| B Jerónimo de Carvalho | | 1,25 |
| B João Baptista Gomes | | 6,00 |
| B João de Almeida Ribeiro | 0,25 | |
| B João de Campos Vilarés | | 0,30 |
| B João Domingos | 2,00 | |
| B João Gomes Fogaça | | 1,00 |
| João Henrique de Magalhães | | 60,00 |

38 A primeira coluna marca os exportadores que exportavam apenas para um destino: A = África; B = Brasil; I = Inglaterra; EU = Europa; IR = Irlanda; IL = Ilhas; R = Rússia.

Quadro 11: continuação

| • | Nome | Pipas | |
|--|---|-----------------|-----------------|
| | | 1777 | 1786 |
| B | João Lopes de Sá Ferraz | | 2,50 |
| B | João Marques Bandeira. | | 1,00 |
| I | João Teixeira | 2,00 | |
| I | Joaquim de Oliveira Lopo | | 1,00 |
| B | José António Lima | 0,45 | |
| B | José da Rosa de Oliveira | 0,50 | |
| B | José Bento Leitão | | 8,00 |
| | José de Oliveira Lopo | | 58,00 |
| B | José de Pinto Carvalho | | 0,25 |
| I | José e António de Castro | | 1,00 |
| | José Eleutério Barbosa de Lima | | 482,25 |
| I | José Fernandes Cruz | | 1,25 |
| B | José Fernandes de Aveiro | | 0,50 |
| B | José Fernandes Teixeira | | 0,25 |
| B | José Francisco Maia | | 45,00 |
| B | José Joaquim de Sequeira Almeida | | 7,00 |
| I | José Martins da Luz | | 72,00 |
| B | José Mendes de Oliveira | | 21,00 |
| | José Monteiro de Almeida | | 14,00 |
| B | José Pereira Pinto | | 3,00 |
| I | Luís António de Sousa Basto | 50,00 | |
| I | Luís Correia dos Santos | 2,00 | |
| I | Manuel Alves da Cruz | | 2,00 |
| B | Manuel António | | 0,25 |
| B | Manuel António Cardoso de Figueiredo | | 0,20 |
| B | Manuel Caetano Ferreira de S. Agostinho | | 17,00 |
| B | Manuel da Silva Machado | 4,00 | |
| IR | Manuel de Barros | | 12,00 |
| I | Manuel Dias Monteiro | | 13,00 |
| EU | Manuel Ferreira Velho | 1,00 | |
| B | Manuel Francisco de Sá | | 0,50 |
| IL | Manuel José de Barros | | 13,00 |
| B | Manuel Lopes Ribeiro | | 5,00 |
| | Manuel Portugal Calhorda | 205,00 | |
| B | Marcos José de Matos | | 8,00 |
| | Pedro Marinho da Costa | | 177,50 |
| I | Pedro Setaro | 0,50 | |
| B | Rocha Ribeiro & Ca | | 123,50 |
| R | Tomas Alves do Souto | | 17,50 |
| B | Tomas José Ferreira Braga | 0,25 | |
| I | Tomas Correira de Carvalho | | 21,50 |
| Total de pipas exportadas | | 6.777,75 | 8.570,45 |
| Número de exportadores portugueses (1777) | | 25 | |
| Número de exportadores portugueses (1786) | | | 57 |
| Número de exportadores portugueses (ambos os anos) | | | 79 |

Então, quem levava a cabo todo este negócio? O Quadro 11 dá-nos os nomes de todos os exportadores portugueses que figuram nas listas e fornece as quantidades que cada um exporta nos anos em questão³⁹. O primeiro aspecto a salientar é o nome dos exportadores que aparecem nas listas de ambos os anos. Surpreendentemente, são apenas três, incluindo a *Companhia* (igualmente espantoso é o facto de nenhum dos dois exportadores independentes figurar nas listas da década seguinte, em 1796). Depois destas três entradas, os nomes aparecem alfabeticamente. A coluna da esquerda regista aqueles que exportam apenas para um país. Entre esses exportadores há muitos que fazem apenas um envio e vários que exportam em quantidades tão pequenas que sugerem que esse vinho se destinava a consumo privado. No entanto, alguns desses nomes representam exportadores mais notáveis. Virgínia Rau indica os nomes de Manuel Francisco Guimarães, Domingos Martins Guimarães, João Baptista Gomes, Miguel Portugal Calhorda e Pedro Marinho da Costa entre os maiores despachantes de navios a partir do Porto, durante o período 1774-1784⁴⁰.

Contudo, nem todos nesta lista são indubitavelmente exportadores. João Henrique de Magalhães, José Fernandes de Aveiro, Manuel Dias Monteiro e Tomás Álvares do Souto aparecem em vários registos como agentes ou funcionários dos exportadores britânicos Searle, Nassau, Hunt Newman e Hesketh, respectivamente, de forma que os seus nomes podem figurar nos registos da Alfândega em representação de firmas britânicas e não em seu próprio nome⁴¹. Não obstante, os nomes de João Henriques de Magalhães e de José Fernandes de Aveiro também aparecem com direito próprio na lista de exportadores legais de vinhos de feitoria compilada pela *Companhia*⁴².

³⁹ Muito provavelmente Manuel de Barros e Manuel José de Barros são a mesma pessoa, assim como António de Freitas e António de Freitas Araújo Ferreira. Joaquim de Oliveira Lopo e José de Oliveira Lopo provavelmente trabalhavam juntos e talvez merecessem apenas uma entrada, uma vez que os seus nomes aparecem juntos nas listagens de 1796. Da mesma forma, os nomes de Manuel Ferreira Guimarães e Manuel Ferreira Velho podem não merecer constar em entradas diferentes.

⁴⁰ RAU, Virgínia – *O movimento da barra do Douro durante o século XVIII: uma interpretação*. «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto». Nº 21 (1958).

⁴¹ Em listas mais antigas, aparece mais vezes o nome do feitor que do exportador. É sobretudo esta ambiguidade que torna os registos alfandegários mais antigos tão difíceis de interpretar.

⁴² Uma cópia desta lista, intitulada «Mappa dos Negociantes Nacionaes, Legítimos Exportadores de Vinhos de Embarque desde a Instituição da Companhia», é mantida nos arquivos da Sandeman. Também aparecem nesta lista os seguintes nomes: Joaquim Ferreira Sampaio, António de Freitas Araújo Ferreira, António de Sousa Pires, António José Duarte Silva, João Lopes de Sá Ferraz, Joaquim de Oliveira Lopo, José de Oliveira Lopo, José Eleutério Barbosa de Lima, José Martins da Luz, José Monteiro de Almeida, Manuel Álvares da Cruz, Manuel José de Barros, Manuel Portugal Calhorda e Pedro Marinho da Costa. A lista não inclui o nome daqueles que exportam vinho apenas para o Brasil e África.

Quadro 12: Exportadores de vinho de «outras nacionalidades» (excepto Grã-Bretanha, Irlanda ou Portugal), em 1777 e 1786, com o volume de vinho exportado em cada ano

| Nome | Pipas | |
|---|---------------|---------------|
| | 1777 | 1786 |
| Bernardo Clamouse Browne | | 1,00 |
| Carlos Federico Sproegel | | 43,00 |
| Carlos Maestep | | 0,25 |
| Clamouse Browne & Ca | 1,50 | |
| Cristóvão Guerner | | 2,00 |
| Daniel Bull | 85 | 123,10 |
| Huestje Fookler, Capt. | 12,00 | |
| Jacques Paquet | 0,50 | |
| Jaques Conte | 1,50 | |
| José Henell | | 0,50 |
| Nicolau Kopke | | 89,00 |
| Rodolfo Amsink & Ca | 91,50 | 32,50 |
| Vanzeller & Dresque | 1,00 | |
| Total de pipas exportadas | 192,75 | 291,35 |
| Número de «outros» exportadores (1777) | 7 | |
| Número de «outros» exportadores (1786) | | 8 |
| Número de «outros» exportadores (ambos os anos) | | 13 |

O Quadro 12 dá-nos os nomes dos exportadores estrangeiros que não são nem britânicos (incluindo irlandeses), nem portugueses. O seu número é relativamente pequeno e o seu efeito sobre o comércio é ligeiro. No entanto, estão entre eles alguns dos comerciantes mais importantes do Porto deste período, incluindo a família Clamouse Browne. Em 1777, Domingos Browne já negociava há alguns anos como Clamouse Browne & Co. Em 1786, o seu filho Bernardo, dando início a uma brilhante carreira como exportador, envia uma única pipa de vinho para Londres. Em 1805, Bernardo já exportava mais de 3.000 pipas por ano. A família tinha raízes irlandesas, flamengas, holandesas e francesas e, por várias ocasiões, alguns dos seus membros serviram como cônsul francês no Porto⁴³.

Cristóvão Guerner, que mais tarde ocupou o lugar de deputado da *Companhia* e escreveu uma famosa análise sobre o comércio, era um alemão que provavelmente começou a negociar por volta de 1783, data em que aparece no *Registo dos Privilégios*⁴⁴. Daniel Bull, um natural da Holanda, negociou em vinho e outros

⁴³ Ver ALCOCHETE, Dupias d' – *As casas de Morada de Bernardo de Clamouse*. «Boletim da Câmara Municipal do Porto». Nº 17 (1954), p. 216-244.

⁴⁴ GUERNER, Cristóvão – *Discurso Historico e Analytico sobre o Estabelecimento da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro: Offerecido a S.A.R o Principe Regente Nosso Senhor*. Lisboa, 1814. Guerner recebe os seus privilégios em 1783, como «homem de negocio de Nação Aleman Residente nesta Cidade» e «filho legitimo de Christóvão Guerner, natural da freguezia de Santa Anna do Imperio Alemanha» (Arquivo Distrital do Porto, *Registo de Privilégios*, Livro 9, fl 108v).

bens a partir do Porto, durante muitos anos. Embora apareça fortemente envolvido no comércio em 1786, principalmente para a Grã-Bretanha (enviando também algumas encomendas para a Holanda e Hamburgo) e, sobretudo, em vinho (embora também exporte azeite e folhas de louro), é notável que os seus fretes diminuam na segunda metade do ano. Nessa altura, abre falência e Bull suspende os pagamentos, pondo em risco alguns portugueses que dependiam do seu negócio⁴⁵. Nicolau Copke, natural de Hamburgo, era também um importante negociante do Porto desse tempo. Tal como Guerner, também Kopke serviu como funcionário da *Companhia*⁴⁶. E, tal como Bull, exportou a maioria do seu vinho para a Grã-Bretanha, juntamente com azeite, enviando também pequenas quantidades dessas mercadorias para Hamburgo e Amesterdão. Este comerciante foi um dos poucos que acompanhou a *Companhia* para o mercado russo. Rodolfo Amsink era um sueco que negociava a partir de Portugal desde, no mínimo, 1774. Em 1786, de acordo com cartas existentes na coleção de Hunt Newman, formou uma sociedade com Archer e Robinson. Ligado como estava aos britânicos, as suas exportações parecem ter-se afundado com a retracção daquele mercado. Finalmente, os Vanzellers eram comerciantes holandeses com extensos interesses comerciais, mas que, nesta altura, demonstravam pouco interesse pela exportação de vinho.

Quadro 13: Exportadores de vinho de «outras nacionalidades» (excepto Grã-Bretanha, Irlanda ou Portugal), em 1777 e 1786, com o volume de vinho exportado em cada ano

| Nome | Pipas | |
|--------------------------|----------|----------|
| | 1777 | 1786 |
| Charles Morse | 10,00 | |
| Charles Murphy | 2,00 | |
| Charles Page & Co | 380,25 | 394,75 |
| Claes & Bailey & Co | 431,15 | |
| John Claes & Co | 118,50 | |
| Clement Searle | 126,50 | |
| Edward Molloy | 133,51 | 261,00 |
| Francesco Arcediago & Co | 1.268,38 | |
| Francis Bearsley & Co | 1.451,25 | 1.412,25 |
| Francis Young | 562,88 | |
| George Wye & Co | 818,35 | 513,08 |
| James Brett & Co | 1.173,00 | 1.297,00 |
| James Connor | 33,00 | |

⁴⁵ Offley, correspondente de Campion Hesketh (que relatou as dificuldades de Bull), acreditava que o comportamento de Bull era «particularmente honrado» e previu uma rápida recuperação. OCH Livro de Correspondência: Offley, Campion, Hesketh para Star Day e Filho, 17 Junho, 1786.

⁴⁶ Ver nota 6.

Quadro 13: continuação

| Nome | Pipas | |
|---|------------------|------------------|
| | 1777 | 1786 |
| James Micam | 40,75 | |
| John Allen | 9,00 | 66,50 |
| John Christopher Simpson | | 3,00 |
| John Colling | 78,25 | |
| John Gibbons | | 6,50 |
| John Hesketh & Co | 938,00 | |
| William Campion & Co | 4.926,50 | |
| Offley Campion Hesketh & Co | | 2.960,25 |
| John Nevill & Co | 242,00 | 727,25 |
| John Perry (& Son) Co | 442,13 | |
| Joseph Perry | | 1.126,5 |
| John Samson | 6,50 | |
| John Searle & Co | 1.350,00 | 1.592,50 |
| Joseph Nasau | 5,00 | |
| Joseph Natan | 2,00 | |
| Joseph Naviam | 4,00 | |
| Thomas Lambert & Co | 2.144,50 | |
| Lambert Kingston | | 1.328 |
| Paul White | 214,50 | |
| Richard Tidswell | 232,00 | 246,50 |
| Samuel Knight | 50,00 | |
| Samuel Weaver | 287,00 | 64,50 |
| Smith Penell | | 383,85 |
| Stepenson & Searle | 24,00 | |
| Thomas Delaney | 164,35 | 43,50 |
| Thomas Newman | 366,25 | 413,38 |
| Thomas Snow | 71,25 | 249,50 |
| Thomas Stafford & Co | 879,25 | 1.477,73 |
| Thompson Croft & Co | 1.255,43 | 1.474,83 |
| Townsend Wettenhall | 151,14 | |
| William Babington & Co | 846,75 | 610,75 |
| William Routh | 62,25 | |
| William Warre & Co | 1.577,25 | 1.713,25 |
| William Wharton | 341,25 | |
| Total de pipas exportadas | 23.220,32 | 18.366,45 |
| Número de exportadores britânicos (1777) | 42 | |
| Número de exportadores britânicos (1786) | | 23 |
| Número de exportadores britânicos (ambos os anos) | | 49 |

Assim, como acontece nas anteriores listas de exportadores, alguns dos nomes no Quadro 13 – a lista de exportadores de vinho britânicos para 1777 e 1786 –

podem não merecer uma entrada separada. Evidentemente, John Searle e Clement Searle são um caso distinto⁴⁷. Embora não seja claro que o nome de Stephenson Searle corresponda a uma firma diferente, decidimos considerar os três separadamente. Da mesma forma, em 1777, embora o nome Claes & Bailey & Ca., que aparece pela primeira vez no fim de Março, possa corresponder a uma sociedade formada por John Claes & Ca., cujo nome desaparece depois de Abril, consideramos os dois nomes separadamente. Algumas entradas na *Mesa*, em 1777, aparecem em nome de João Perry & Ca., algumas em nome de João Perry & Filho, e uma no de Joseph Perry. Assumindo que o filho é Joseph Perry, que aparece em 1786, estas três entradas podem corresponder apenas a uma entidade. Além disso, não temos provas de Naviam ou Nathan serem, de facto, britânicos (ou, mesmo, serem pessoas diferentes). No geral, os totais para cada ano e para ambos apresentados no Quadro 13, não são, de forma alguma, números rigorosos. Apesar de tudo, é quase certo que, entre 1777 e 1786, o número de exportadores de vinho britânicos operando no Porto desceu bruscamente.

Muito se escreveu sobre os ingleses, e muito do que foi escrito, quer seja exacto ou não, foi extensamente repetido. Consequentemente, ao comentar o Quadro 13, vamos tentar limitar-nos a coisas que ainda não tenham sido ditas. Uma das alterações mais marcantes durante a década é a consolidação da firma Offley Champion e Hesketh, nascida a partir das diferentes firmas John Hesketh e Offley Champion (na qual William Champion parece ter sido o sócio residente no Porto), uma fusão que se assemelha a consolidações mais recentes no comércio do vinho do Porto. O nome de Hesketh aparece pela primeira vez nas contas da sociedade em 1786, sugerindo que a união se deu nesse ano, talvez forçada pelo declínio do mercado britânico. Quer o tenha sido ou não, as exportações das companhias reunidas desceram quase 3.000 pipas em relação às suas contribuições independentes uma década antes⁴⁸. De igual forma, entre 1777 e 1786, Thomas Lambert formou a sociedade Lambert Kingston, que se tornou um dos maiores exportadores no final do século⁴⁹. Tal como a Offley, esta firma sofreu uma grande quebra nas exportações entre os anos em questão.

Como tenta demonstrar o Quadro 14, as firmas britânicas não formaram sociedades unicamente para lidar com a queda do seu principal mercado; elas exporta-

⁴⁷ Uma entrada em 1777 contém a seguinte correcção «João Searl digo Clemente Searl», o que sugere que se trata de dois nomes diferentes.

⁴⁸ As contas da Offley Champion mostram que as exportações da sociedade alcançaram um máximo de 5.148,5 pipas em 1780, afundando-se num mínimo de 2.320,5 pipas no ano seguinte. Lucros sobre o vinho no valor de 55.246 mil réis (em 4.485,5 pipas), em 1779, desceram para 29.607 mil réis (em 2.858,75 pipas), por volta de 1783.

⁴⁹ A *Mesa* para 1777 mostra já a presença de Benjamin Kingston no Porto, exportando um único pacote de «Baga de Louro», para Londres.

Quadro 14: Rácio entre os direitos pagos sobre o vinho e os direitos pagos sobre outros produtos, a partir de comerciantes britânicos seleccionados, em 1777 e 1786

| Nome | Rácio entre os direitos pagos sobre o vinho e os direitos pagos sobre outros produtos | |
|---|---|--------|
| | 1777 | 1786 |
| Charles Page & Co | 146,65 | 1,16 |
| Edward Molloy | 15,28 | 9,81 |
| Francis Bearsley & Co | 188,92 | 7,61 |
| George Wye & Co | 36,43 | 1,59 |
| James Brett & Co | 94,51 | 4,46 |
| John Allen | 1,25 | 101,60 |
| William Campion/Offley Campion, Hesketh ⁵⁰ | 91,12 | 19,29 |
| John Nevill & Co | 6,38 | 6,19 |
| John Searle & Co | 4,14 | 6,07 |
| Richard Tidswell | 361,70 | 7,18 |
| Samuel Weaver | 82,93 | 1,49 |
| Thomas Lambert & Ca/Lambert Kingston | 55,44 | 117,63 |
| Thomas Newman & Co | 5,74 | 12,69 |
| Thomas Stafford & Co | 45,52 | 4,82 |
| Thompson Croft & Co | 22,42 | 4,19 |
| William Babington & Co | 1.042,64 | 6,25 |
| William Warre & Co | 4,61 | 9,10 |

ram intensamente outros bens⁵¹. A partir dos livros da Alfândega do Porto é possível verificar todos os direitos pagos pelos exportadores. O quadro compara o rácio entre os direitos pagos sobre o vinho os direitos pagos sobre outras mercadorias, nos dois anos em questão⁵². Um valor elevado indica que o vinho domina a carteira de negócios dos exportadores. Um valor inferior sugere uma carteira mais diversificada, equilibrando o vinho com outros produtos⁵³. O Quadro 14

⁵⁰ O rácio de John Hesketh para 1777 é de 1.031,8. Portanto, usámos os valores mais modestos de Campion.

⁵¹ Os outros produtos incluem azeite, cortiça, folha de louro, sal, sumagre, vinagre, frutas e nozes. Virgínia Rau sugere que todos os ingleses exportavam vinho, não sendo isto totalmente verdade. Entre outros nomes a destacar, encontra-se o de João Aye que é, provavelmente, John Wye, familiar de George Wye, o maior exportador de cortiça em 1777; no mesmo ano, Henrieta Hitchcock, uma das poucas mulheres britânicas a aparecer nos registos comerciais, envia duas pequenas encomendas para Londres; em 1786, Bartholomeu Casey exporta azeite (em anos posteriores, Casey, um irlandês, também exporta vinho).

⁵² O quadro apenas inclui os exportadores que figuram nos dois anos e para os quais os valores têm algum significado. Aqueles que não exportavam nem outros produtos, ou não exportavam vinho não aparecem.

⁵³ Inevitavelmente, este argumento assume que os direitos impostos sobre os outros produtos per-

indica que muitos dos maiores exportadores (Warre e Lambert Kingston são notáveis exceções) diversificaram as suas exportações (e, conseqüentemente, baixaram o rácio)⁵⁴. Apesar de ser correcto o argumento de, neste período, os negociantes de vinho do Porto estarem a passar do comércio geral para o especializado, estes valores sugerem que essa passagem não foi necessariamente directa. Quando os tempos se tornavam difíceis, os exportadores britânicos, embora evidentemente relutantes em procurar novos mercados⁵⁵, procuravam novos produtos para vender nos seus mercados habituais⁵⁶.

CONCLUSÃO: PALAVRAS E ACÇÕES

Os que seguiram estes densos detalhes até aqui, ficarão gratos por uma breve conclusão. A nossa principal conclusão é que os registos da Alfândega – apesar de serem intimidantes – fornecem informações decisivas para a compreensão do desenvolvimento do comércio do vinho do Porto e do papel dos comerciantes no século XVIII. O quadro que emergiu deste breve instantâneo sugere, entre outras coisas, que os ingleses, não foram tão oprimidos como muitas vezes tem sido defendido (uma participação de 86% no principal mercado dificilmente poderá ser considerada como desgraça); os portugueses foram mais activos do que aquilo

manecem relativamente estáveis em relação aos do vinho. Como anteriormente salientámos, os impostos sobre o vinho desceram de 1\$980 para 1\$650 réis, uma queda de um sexto. A maioria das quebras do Quadro 14 são muito mais acentuadas.

⁵⁴ As «outras nacionalidades» têm rácios de menos de um, indicando que exportavam muito menos vinho em relação a outros produtos que os ingleses. Em 1777, por exemplo, os rácios para Browne, Bull e Amsink são de 0,01, 0,14, e 0,71, respectivamente. Além disso, havia muitos grandes exportadores europeus que exportaram pouco ou nenhum vinho. Calcular este rácio para os portugueses implicaria transcrever todas as entradas das 640 páginas do livro de exportações, tarefa que deixamos para alguém com mais energia.

⁵⁵ Warre é o único exportador britânico que negocia com a Rússia. Parece ter precedido a *Companhia*, exportando azeite e vinagre, desde 1777.

⁵⁶ Não considerámos as importações, embora a maioria destas firmas nelas tenha estado envolvida, de uma forma ou de outra. A maior parte aceitou bens importados sob comissão. Offley especializou-se em roupa. Muitos, incluindo Bearsley, Claes, Croft, Lambert, Newman, Smith Pennell e Stafford importavam peixe. O balanço de Hunt Newman, em Agosto de 1777, mostra lucros de 2.829\$309 réis provenientes da exportação de vinho e de 3.564\$437 réis provenientes de comissões (que seriam resultantes da importação de mercadorias, sobretudo peixe). As contas de Hunt Newman para 1786 não chegaram até nós. O Balanço da Offley Campion para 1779, apresenta 55.245\$911 réis de lucros sobre o vinho e 2.555\$028 de comissões sobre as importações. Os seus valores para 1786 mostram lucros de 36.059\$310 réis sobre o vinho e 1.791\$796 resultantes de comissões. Embora os comerciantes tenham tentado aumentar as importações de outros produtos quando as exportações de vinho caíram, era geralmente reconhecido que, se o mercado do vinho era fraco, a população do Porto e do Douro também teria pouca liquidez suplementar disponível para comprar produtos importados – até mesmo os de primeira necessidade.

que muitas vezes se tem considerado; e a *Companhia*, apesar de todos os defeitos, tentou de facto abrir novos mercados, embora seja frequentemente acusada de não ter conseguido fazê-lo. O desafio que os registos da Alfândega apresentam para conclusões tão convencionais recorda-nos que o que disseram ou reclamaram as várias partes em conflito (particularmente os exportadores britânicos, a *Companhia* e os seus inimigos) domina os argumentos históricos, tendo propensão a distorcê-los, a menos que os registos do que realmente sucedeu – como os que aqui estudamos – sejam também examinados.